

BONS PROFESSORES E SUAS PRÁTICAS: DE QUEM ESTAMOS FALANDO

Márcia Maria de Castro Buzzato, Ana Maria Gimenes Corrêa Calil.

Universidade de Taubaté/Mestrado em Profissional em Educação, Rua Visconde do Rio Branco, 210, centro - 12020-040 - Taubaté-SP, Brasil, mbuzzato@hotmail.com, ana.calil@unitau.com.br.

Resumo - Compreende-se que a docência requer mais que um conjunto de técnicas executadas com habilidades. É preciso a construção do conhecimento, de sentido, relacionados à prática e ao núcleo do processo educativo: o aluno. Este estudo pretendeu conhecer bons professores de escolas pública e particular, no ensino fundamental (anos iniciais), a partir da visão de seus alunos, os quais apontaram características que levam ao seu reconhecimento como bom profissional da educação. Utilizou-se metodologia qualitativa, com aplicação de questionários aos alunos. As principais características apontadas foram: exigência, domínio de conteúdo contextualizado às realidades que vivem, interesse pela aprendizagem, boa interação com os estudantes. Os resultados indicaram consonância à literatura sobre o tema. Espera-se que este estudo possa ser utilizado como mais uma ferramenta para reflexões, indicando ações que se traduzam em boas práticas educativas, na dinamização da docência e sua consolidação, em que se pesem os diversos contextos educacionais.

Palavras-chave: Alunos; Bons professores; Saberes Docentes; Profissionalização.

Área do Conhecimento: Formação de professores.

INTRODUÇÃO

Compreender o bom professor e suas práticas é uma necessidade, como refere Cunha (1997) ao afirmar que o professor é localizado no espaço e no tempo, formando e formado pela sociedade em que se encontra. Assim, a primeira tarefa dos que são envolvidos com educação de professores e comprometidos com uma prática pedagógica competente, é a de estudar como e porquê acontece na sala de aula.

Considerando a necessidade de se pensar a prática docente como um dos fatores para se melhorar a qualidade da educação oferecida em nossas escolas em todos os níveis, questionou-se: Quem é um bom professor pela visão dos alunos da escola particular e da escola pública, no ensino fundamental e quais suas características? Portanto, o objetivo desta pesquisa é conhecer características de bons professores de escola pública e escola particular, selecionados a partir da visão dos seus alunos.

METODOLOGIA

A definição do método corrobora com a visão de Gatti (2002) em relação à forma de construir o conhecimento em que a base a ser considerada é representada pelas fontes de informação em relação à problemática a ser investigada. Apoiar-se a análise qualitativa, permitindo interpretar o mundo, analisar o local e o sujeito nas suas interações sociais e culturais, aproximando o investigador dos atores sociais, de forma que as questões particulares a cada contexto possam ser presentes nos estudos da sociedade. Desta forma há valorização do cotidiano escolar e ênfase na educação enquanto processo social, cultural e histórico, diante sua complexidade e contextos diferentes.

População do estudo

A população deste estudo é constituída por 122 alunos do Ensino Fundamental, anos iniciais, terceiro, quarto e quinto anos de duas escolas, sendo uma da rede particular de ensino da cidade de Cachoeira Paulista e outra da rede pública municipal de ensino, localizada na cidade de Cruzeiro, ambas do interior de São Paulo.

Instrumentos

O estudo realizou-se com a utilização de um questionário aplicado junto aos alunos de terceiro, quarto e quinto anos de ensino fundamental, anos iniciais, os quais indicaram o nome de um bom professor e assinalaram suas características. Para a formulação do instrumento, selecionou-se

atributos de bons professores, apontados pelos estudos de revisão de literatura. Abriu-se a possibilidade para o aluno escrever uma outra característica que não tenha sido indicada como opção.

Para Gil (1999), o questionário pode ser definido como uma técnica de investigação, constituído de questões apresentadas por escrito às pessoas, com a finalidade de conhecer opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, entre outras.

Procedimentos para coleta de dados

Após trâmites legais junto ao Comitê de ética em pesquisa da UNITAU, deu-se a coleta de dados. Em ambas escolas, a aplicação aconteceu no período de aula dos estudantes, sendo que por aconselhamento dos gestores, as professoras de cada ano deixaram as salas de aula enquanto a pesquisadora aplicou o instrumento.

Fundamentação teórica

É claramente sabida a grande influência que o professor exerce sobre os educandos, devendo ser ciente da responsabilidade em sua prática como docente. Freire (1996) afirma que ensinar é uma especificidade humana e reafirma que para que a educação aconteça são necessários: competência profissional, generosidade, comprometimento com a profissão e consigo mesmo, autonomia para agir, falar, escutar, ser escutado, ter em mente que a educação é ideológica e, não menos importante, ser apaixonado pela profissão e por pessoas.

Nesse sentido há de se considerar também a perspectiva do aluno como importante elemento da emissão de juízo de valores sobre o trabalho do professor. Day (2001) aponta que os professores com maior aptidão para estimular o compromisso da aprendizagem de seus alunos possuem: gosto ao ensinar aos alunos e a disciplina, aulas interessantes e conectadas ao cotidiano, bom humor sem perder a ordem, justiça, acessibilidade na interação com eles, não comparação de um aluno ou turma com outro/outras, preocupação em tirar dúvidas sem com que o estudante se sinta humilhado por elas e não desistência deles.

E, sobre alunos e professores, Cunha (1997) refere que a sala de aula é o lugar em que se privilegia o “ato pedagógico escolar” (CUNHA, 1997, p.22). Neste ambiente confluem as contradições do contexto social, questões científicas e as concepções valorativas dos sujeitos que compõem o ato pedagógico, sendo altamente necessário que se estude o que acontece neste espaço e o porquê de acontecer, atribuição dos que se comprometem com a educação de professores e com uma prática pedagógica competente.

Ressalta-se que a autora, assemelhando-se aos constructos de Day (2001), referiu as mesmas características atribuídas a bons professores, sendo estes apontados por alunos de segundo e terceiro graus, lembrando que os alunos não indicam como bons professores, os chamados “bonzinhos”. Eles valorizam as características já apontadas e acrescentam o adjetivo “exigente”, no sentido de cobrança de participação e tarefas. A partir disto, observa-se que

[...] a escolha que o aluno faz do BOM PROFESSOR é permeada por sua prática social, isto é, o resultado da apropriação que ele faz da prática e dos saberes históricos-sociais. A apropriação é uma ação recíproca entre os diferentes sujeitos e os diversos âmbitos ou integrações sociais. Só que elas são diferentes nos sujeitos, ou seja, eles fazem apropriações diferentes em função de seus interesses, valores, crenças experiências etc. Isto é demonstrado pela diferenciação existente entre o comportamento dos alunos quando propõem o BOM PROFESSOR (CUNHA, 1997. p. 59).

Em sua pesquisa, Cunha (1997) afirma ter observado que os professores, os quais acompanhou, utilizavam da interação, reflexão e incentivo para conduzir o processo de aprendizagem de seus alunos. Assim, os professores pesquisados estabeleciam interações com os discentes, por meio de indagações e exemplos do cotidiano, sempre valorizando os conhecimentos dos mesmos. Constatou também que o ritual escolar se organiza pela fala do professor, principal fonte de informação sistematizada e que a grande inspiração dos docentes constitui-se em sua própria prática escolar, na qual tende a repetir comportamentos similares aos que considerou positivos em seus ex-professores. A autora refere que

bons professores possuem capacidade de explicitar para os alunos os objetivos do estudo que vão realizar, sendo que alguns deles emitem juízos de valor sobre o que vão direcionar ao aprendizado dos alunos e, dessa maneira, reafirmam que não existe neutralidade na ação docente.

Por fim, Cunha (1997) conclui que a ideia de bom professor é variável e contém em si uma expressão de valor, tendo em sua ação, a clara ideia de sua importância no processo de ensinar e aprender, manifestando inclusive, inúmeras habilidades de ensino, já citadas anteriormente. Assim, emitem juízos de valor, tais como a importância do estudo e o desenvolvimento de habilidades a ele relacionados. Preocupam-se em recuperar o prazer de aprender e de mostrar que a escola não carece ser um lugar chato e ritualístico.

Com estas reflexões iniciais, estudar o bom professor e suas práticas requer entender que seu sucesso não pode ser explicado “apenas pelo tipo de atividade que desenvolvem, mas principalmente pelo que acontece entre professora e alunos, e entre alunos, na sala de aula” (AMBROSETTI, 1996 p. 121). Em sua pesquisa, a autora, em consonância com o que pesquisou Cunha (1997), referenciou que não há um modelo, mas características comuns àqueles que são considerados bons professores, pois suas práticas são comprometidas, independentemente da metodologia e do nível de ensino em que trabalham. Outro fator apontado por ambas indicam o gosto pela docência e pelo contato com os alunos.

ANÁLISE DOS DADOS

Bem refere Gatti (2009) que o núcleo do processo educativo é o aluno, sendo que o professor é figura imprescindível neste processo. Então, ouvir os alunos, dando voz ao que consideram características de bons professores, é também uma forma de discutir a docência e a construção de referentes que podem levar à boas práticas educativas.

De acordo com Cunha (1997), a escola, como instituição social, faz com que seus integrantes possuam comportamentos esperados na relação entre alunos e professores, de acordo com o conjunto de expectativas que a sociedade faz sobre elas. Portanto, a visão do aluno é deveras importante para emissão de juízo de valores sobre o trabalho docente. Assim, com base em seu trabalho, nos estudos de Day (2011) e Barbosa (2016), elaborou-se um questionário para aplicação junto aos alunos das escolas escolhidas para esta pesquisa, no qual se solicitou que escrevessem o nome de um professor que considerassem um “bom professor” e assinalassem quais características ele possui.

As opções de características presentes no questionário tiveram a premissa da utilização de uma linguagem simples e coloquial, a fim de favorecer a compreensão dos alunos. Foram elas: bonzinho, exigente, sabe a matéria, gosta dos alunos, tem bom humor, é justo, sabe relacionar a matéria com o dia a dia, tem paciência para explicar, tem preocupação se o aluno está aprendendo, inovador. Tomou-se o cuidado de ter a possibilidade de marcar “outra característica” e no caso deste item ser assinalado, pediu-se sua descrição.

Os resultados na escola particular, a partir do total de 64 participantes, indicam que 46,9% dos participantes indicou uma professora que neste estudo será denominada de Professora A. Já na escola pública pesquisada, os resultados encontrados com o questionário aplicado em 58 alunos levaram a uma professora aqui denominada “Professora B”, com 77,6% das indicações.

Veja-se agora um quadro demonstrando lado a lado os percentuais das duas professoras:

Quadro 1: Comparativo percentual das características das Professoras A e B

Características	Professora A	Professora B
Bonzinho	46,6%	73,4%
Exigente	100%	80%
Sabe a matéria	96,6%	55,6%
Gosta dos alunos	100%	68,9%
Tem bom humor	90%	53,4%
É justo	96,6%	57,8%
Sabe relacionar a matéria com o dia a dia	100%	57,8%
Tem paciência para explicar	100%	62,3%

Tem preocupação se o aluno está aprendendo	100%	71,2%
Inovador	86,6%	40%

Confirmando o que referiu Barbosa (2016), na pesquisa sobre bons professores de anos finais do ensino fundamental, os alunos escolheram opções como professor paciente, que gosta dos alunos, com domínio de conteúdos, preocupação com o aprendizado dos mesmos, imparcialidade no tratamento (justo), exigência para com os discentes, inovação e humor.

Consonantes a Bühler (2010), os alunos desta pesquisa mencionaram aspectos relacionados ao afeto, à firmeza e ao conhecimento teórico. Vê-se nesta pesquisa, que ainda que nos anos iniciais do ensino fundamental, os estudantes reconhecem estas características para qualificar aqueles que consideram bons professores.

Neste trabalho, os percentuais foram diferentes para cada item em ambas as escolas. Ressalta-se que as duas professoras eleitas foram referenciadas com percentil maior no aspecto da exigência: 100% na escola particular e 80% na escola pública. Observa-se que os alunos da escola particular elencam mais qualidades do que consideram “bom professor” em relação aos da escola pública, na qual a professora apontada teve uma diferença considerável, em sua eleição, em relação à da instituição privada. Ou seja, na escola particular a boa professora aparece com 46,6% das indicações, enquanto a professora escolhida pelos alunos da escola pública aparece com 73,4% das indicações.

Para o fato podem ser levantadas algumas hipóteses, que vão desde os critérios de seleção de pessoal mais “semelhante” da equipe docente da escola particular, até mesmo à possível rotatividade de professores, realidade mais comum na escola pública, em que é sabido que ano a ano existem mudanças de professores, por amplos motivos.

Chama a atenção também para o aspecto “bonzinho” apontado pelos alunos da escola pública, que totalizou 74% aproximadamente, enquanto na escola particular, este item aparece apontado em 47%, também aproximadamente. Relevando que o questionário foi aplicado com as devidas orientações pela pesquisadora, levanta-se um possível questionamento do que os alunos consideram ser tal aspecto e as necessidades sociais e culturais locais dos mesmos.

É visível a vulnerabilidade em que se encontra a maior parte dos alunos da escola pública pesquisada, sendo que este pode ser um indicativo do apontamento da característica “bonzinho” como fator importante para este grupo de crianças. Nota-se que até mesmo no PPP, a comunidade é descrita com alguns problemas sociais de desagregação da família, crianças assistidas por programas de serviço social. Desta forma, o que consideram como “bonzinho” pode estar ligado à necessidade de pessoas olharem mais afetuosamente e respeitosamente para elas, o que, ao que tudo indica, não acontece na maior parte dos casos. Contudo, para uma afirmação nesse sentido, seriam necessários outros estudos, investigando as necessidades e contextualizações.

Ressalta-se então, que a característica “bonzinho” contida no questionário, colocada a partir do levantamento bibliográfico feito, no contexto desta escola, pode ter indicado outra situação e não a que diz respeito a um professor possivelmente permissivo e que apenas é “amigo” dos alunos, como referenciado na literatura.

Numa outra análise, aponta-se a diferença quase em dobro que a característica “inovador” foi apontada para a Professora A em relação à Professora B. Ao analisar o PPP da escola em que a Professora A está inserida, verificou-se que existe uma preocupação com inovação à teoria e à tecnologia educacional, gerando participação cada vez mais ativa do aluno no processo de ensino-aprendizagem e na organização de atividades interdisciplinares. Aventa-se a possibilidade desses objetivos estarem mais claros aos alunos desta escola do que para os alunos da escola pública.

A julgar pelas características mais apontadas pelos alunos, pode se inferir que é primordial a qualidade da exigência, podendo traduzir regras e direcionamentos precisos para as aulas, apresentação das expectativas do professor em relação ao aluno, intervenção no processo de aprendizagem, ainda que se pesem diferentes contextos educacionais. Isso remonta ao fato de que ser bem sucedido entre os alunos requer disposição de cobrar, enunciar, ainda que em circunstâncias diferentes

O aluno valoriza o professor que é exigente, que cobra participação e tarefas. Ele percebe que esta é também uma forma de interesse se articulada com a prática cotidiana de sala de aula (CUNHA, 1997, p.63).

A pesquisa de Cunha (1997) foi realizada com alunos em níveis escolares mais adiantados e esta realizou-se com alunos de ensino fundamental, anos iniciais e a característica “exigente” apareceu nos estudos da autora e aqui foi majoritariamente apontada, denotando um possível referente para a prática docente de qualidade. Ou seja, os alunos compreendem a exigência como preocupação do professor em acompanhar o que estão aprendendo, interessando-se pelo efetivo da aprendizagem.

Na relação com os alunos, o princípio de equidade no tratamento (“justo”) também aponta para uma relevância no atual cenário educativo. Ou seja, os educandos percebem o senso de justiça como algo relevante na prática do professor e sabem apontá-la, independentemente da comunidade que estão inseridos.

Enfim, tendo os dados apontados através do questionário, reflete-se que tais características mais proeminentes confirmam os estudos pesquisados neste trabalho, sendo que através desse instrumento há também a possibilidade de refletir sobre identidade profissional e pessoal, legitimando, quiçá, um pouco mais do fazer docente bem sucedido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo se conheceu docentes considerados “bons professores” por seus alunos, o que têm como características em suas práticas para que sejam assim denominados, tanto na escola pública quanto na particular. Viu-se que os alunos apontam com propriedade, características como exigência, domínio de conteúdo, contextualização da disciplina curricular com a realidade, interesse por sua aprendizagem e boa relação, como características dos bons professores.

RERERÊNCIAS

AMBROSETTI, N. B. **A prática competente na escola pública**. Tese (Doutorado em Psicologia da Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

BARBOSA, S. DE M. A. **Boas práticas na escola pública: características de bons professores na visão do aluno dos anos finais do Ensino Fundamental**. 2016. 103f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação), UNITAU, Taubaté, 2016.

BÜHLER, C. **Bons professores que fazem a diferença na vida do aluno: saberes e práticas que caracterizam sua liderança**. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2010

CUNHA, M. I. DA. **O bom professor e sua prática**. Campinas, SP: Papirus, 1997. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

DAY, C. **Desenvolvimento profissional de professores – Os desafios da aprendizagem permanente**. Tradução Maria Assunção Flores, Porto Editora, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, E.G.A., 1996

GATTI, B. **Formação de professores: condições e problemas atuais**. Fundação Carlos Chagas . Revista Brasileira de Formação de Professores – RBFP ISSN 1984-5332 - Vol. 1, n. 1, p.90-102, Maio/2009.

_____. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano. Série Pesquisa em Educação, v. 1, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.